

Vocabulário de arte: ferramentas fundamentais no trabalho cooperativo em bibliotecas, museus e arquivos

Ivani Di Grazia Costa

Biblioteca e Centro de Documentação
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp)

Maria Christina Barbosa de Almeida

Biblioteca Municipal Mário de Andrade

Introdução: o contexto

A informação na área de arte é produzida, veiculada, distribuída e utilizada em vários circuitos, geralmente institucionais – bibliotecas, centros de documentação, arquivos e museus – comumente apresentando-se também como espaços virtuais. Todos esses circuitos são comunicantes e não há predominância de uns sobre os outros, nem fronteiras muito definidas que delimitem a atuação de cada um, pois, embora tenham objetivos específicos que os diferenciam, todos são, essencialmente, sistemas de informação. Dado que cada vez mais a informação não tem sua circulação restrita a determinado espaço, o principal papel de um serviço de informação consiste em interagir com outros setores dentro da instituição ou fora dela, bem como com o mundo virtual, de forma a garantir a seus usuários o maior acesso possível à informação e ao conhecimento.

Bibliotecas, centros de documentação e arquivos de arte são celeiros de informação especializada e, de certa forma, selecionada, o que lhes dá uma vantagem inicial sobre os meios de comunicação de massa e sobre a internet. Mas essa vantagem inicial, isolada, não é suficiente para garantir um diferencial sobre os demais sistemas de informação. É preciso que um acervo atualizado e devidamente organizado dê suporte à informação disponível, de forma que esta possa servir de veículo para a reflexão, para o confronto de ideias resultante da diversidade de fontes, e para a produção de novos significados e de novas ideias.

A cidade de São Paulo possui dezenas de museus de arte, que, geralmente, contam com bibliotecas especializadas, além de bibliotecas universitárias especializadas e bibliotecas públicas com importantes seções especializadas, como é o caso da Biblioteca Mário de Andrade. Esses servi-

ços, se bem explorados, podem ser instrumentos importantes na educação estética e artística, na pesquisa sobre arte e na prática cotidiana dos profissionais da área. A riqueza de sua atuação decorre da diversidade, representatividade e qualidade de organização de suas coleções, bem como da interação com seus usuários, mas depende, também, de sua capacidade de integração a outras atividades de informação e documentação dentro e fora da instituição.

Há uma ampla faixa de usuários de documentos atinentes às artes – o estudante, o professor, o pesquisador, o artista, o editor, o curador e o agente cultural, além de outras pessoas interessadas, mas sem formação adstrita à área. Existe, assim, potencialmente, ampla gama de demanda, embora, de maneira geral, bibliotecas, arquivos e centros de documentação ainda estejam muito distantes do dia a dia dos profissionais das artes – com a possível exceção dos pesquisadores, historiadores e críticos que, por força da natureza de suas funções, devem incansavelmente buscar informação e descobrir documentos. Responder, com qualidade, a toda essa demanda é ainda o grande desafio.

As novas tecnologias, cada vez mais acessíveis às bibliotecas, aos serviços de documentação, arquivos e museus, têm-se mostrado instrumentos fundamentais para registro e difusão de texto e imagem de arte e sobre arte, atividades que tiveram, recentemente, enorme avanço, em razão das possibilidades oferecidas pela digitalização.

As bases de dados passaram a desempenhar importante papel no registro e na difusão de informações, particularmente quando disponíveis *on-line*. No entanto, algumas das bases de dados que se desenvolvem em nossas bibliotecas, arquivos e museus ainda constituem iniciativas isoladas que precisam ser analisadas, discutidas e avaliadas no contexto informacional da área, levando-se em conta o uso que dela fazem os especialistas e seu potencial de cooperação.

As bases de dados informatizadas precisam maximizar sua capacidade de armazenamento e de estabelecer relações, possibilitando ao usuário defrontar-se com a diversidade de ideias e interpretações, muitas vezes contraditórias. Esse contato com os múltiplos olhares da arte, que devem estar presentes – sob a forma de textos ou imagens digitalizadas – na base de dados, é profundamente enriquecedor, pois amplia as possibilidades de leitura de cada obra de arte e de cada artista e favorece a compreensão geral da história da arte.

Para solucionar o desafio de possibilitar o acesso informatizado à informação hoje disponível há alguns pré-requisitos que devem ser alcançados. Em primeiro lugar, a obediência a formatos internacionais de comunicação que garantam a convivalidade das grandes bases de dados informatizadas, para que não corram o risco de ficarem isoladas das redes de comunicação ou de ficarem

congeladas, sem possibilidade de conversão automática para outros sistemas. Em segundo lugar, a normalização dos dados a serem inseridos nas bases automatizadas.

Há certo entusiasmo por parte de administradores de instituições culturais e de profissionais da informação em relação ao potencial das novas tecnologias, sobretudo no que concerne às possibilidades oferecidas pela internet e pela digitalização de textos e imagens. Esse entusiasmo deve, após o arrefecimento da inicial euforia, ser administrado com a devida cautela, pois o sucesso de um sistema de informação está na dependência de decisões bem planejadas, da criação de ambientes organizacionais favoráveis e de profissionais preparados, seja em relação à questão da padronização, seja no que tange às implicações técnicas e jurídicas da digitalização e distribuição eletrônica de dados, textos e imagens.

O tratamento da informação e a importância da padronização

Grande parte das coleções bibliográficas e documentais da cidade de São Paulo ainda apresenta um atraso crônico em seu processamento técnico, o que, na prática, significa que essas coleções não estão disponíveis. Além disso, a indexação de periódicos brasileiros é praticamente inexistente: no Brasil, não há serviços comerciais com essa finalidade; os serviços de índices e *abstracts* estrangeiros raramente indexam revistas brasileiras e, para agravar a situação, as bibliotecas não assumem essa atividade de forma sistemática. Como resultado, verifica-se uma enorme perda de informação contemporânea produzida em nosso país.

A questão do tratamento dos acervos bibliográficos e audiovisuais das bibliotecas e centros de documentação em arte pode ser minimizada por um trabalho cooperativo, que, no entanto, só será viável se houver padronização de procedimentos na catalogação de documentos, sob o aspecto de sua representação tanto descritiva, quanto temática.

Os problemas relativos à padronização dos formatos e à normalização dos dados são mais acentuados nos museus do que nas bibliotecas onde, ao menos para as questões da representação descritiva do documento, já se adotam, há anos, padrões internacionais amplamente aceitos. Diferentemente do museu, a biblioteca não trabalha com objetos únicos, o que estimula a catalogação cooperativa, para a qual a padronização é um imperativo. Mesmo assim, algumas bibliotecas de arte não apresentam um desempenho satisfatório no que se refere ao tratamento de seu acervo, em particular à questão dos descritores. Assuntos idênticos recebem denominações diversas, dependendo do humor ou do conhecimento específico do catalogador. A solução para essa questão não consiste apenas em se desenvolverem vocabulários especializados que sirvam de ferramentas de trabalho

aos catalogadores, tanto na biblioteca quanto no museu, mas também no preparo desses profissionais para a escolha do descritor apropriado, o que exige dos profissionais um conhecimento mínimo da área. A correta descrição dos documentos e das obras de arte determinará, muitas vezes, a qualidade da pesquisa e a exata compreensão das coleções.

A falta de padronização no processamento técnico dos acervos, que ainda encontramos em algumas bibliotecas, museus e arquivos de arte em São Paulo, é um sério obstáculo a qualquer trabalho conjunto. Portanto, qualquer iniciativa de trabalho cooperativo deve ser fundamentada em metodologia aceita, por consenso, pelas instituições ou pelas diferentes áreas dentro da mesma instituição. Essa questão, que já é de difícil solução quando se trata de uma base de dados isolada, torna-se ainda mais complexa quando estão em jogo bases compartilhadas ou bases de dados nacionais. No entanto, sua solução é fundamental, pois todo sistema de informação deve ser concebido com a perspectiva de ser colocado futuramente em rede.

Dentre os instrumentos necessários a um trabalho de qualidade, ressaltam-se os vocabulários controlados – incluindo-se aqui os vocabulários temáticos, cuja principal função é garantir parâmetros para a escolha dos descritores, e catálogos de autoridade, indispensáveis à padronização de nomes.

O *Vocabulário Controlado de Arte* foi iniciado em 1988 por um grupo de profissionais que atuavam em bibliotecas, museus e arquivos de arte, para dar subsídios a um programa cooperativo do então denominado Instituto Cultural Itaú (ICI), hoje Itaú Cultural. Esse programa previa a implantação de uma rede automatizada de informações na área de arte, a partir do cadastro de documentos existentes nas bibliotecas cooperantes numa base de dados central que possibilitasse o acesso dos interessados a quaisquer tipos de documentos referentes às áreas de artes, localizados nas bibliotecas participantes da rede. Poderiam participar da rede, inicialmente, as bibliotecas de arte da região metropolitana de São Paulo, incluindo tanto bibliotecas e centros de documentação especializados como também as coleções de arte de grandes bibliotecas. Tratava-se, naquele momento, de um projeto pioneiro no Brasil, que contou, de imediato, com o apoio das mais importantes bibliotecas de arte da cidade.¹

Os trabalhos do grupo partiram inicialmente do material fornecido pelas próprias bibliotecas e se apoiaram no *RILA Subject Headings*,² no Thesaurus Experimental de Arquitetura da FAU/

¹ Diversos profissionais participaram do grupo; dentre eles, alguns foram constantes e tiveram papel fundamental no desenvolvimento dos trabalhos. Destacam-se: Angela Marques (FAU/USP), Maria Cecília Soubhia (Museu Lasar Segall), Izabel Cristina Filgueiras de Almeida (Itaú/Masp), Leda Amélia Bicalho (Itaú), Maria Rita Lana (Biblioteca Mário de Andrade) e Muriel Scott (Itaú), sob a coordenação de Maria Christina Barbosa de Almeida (ECA/USP).

² Trata-se da lista de cabeçalhos de assunto do *Répertoire International de la Littérature d'Art*.

USP e em dicionários e enciclopédias especializados, além de consultas a especialistas em Arte. Finalmente, confrontou-se o vocabulário estruturado com os cabeçalhos de assunto da 11a edição da *Library of Congress Subject Headings*, o que implicou a revisão de cada um dos descritores, acrescentando-se-lhes termos, ou adaptando-os, conforme o caso.

Para a implantação do programa, denominado Centro de Referência Bibliográfica, fazia-se necessária a padronização da catalogação descritiva e temática dos documentos. Esta última constituía o maior desafio, pois o vocabulário utilizado pelas bibliotecas não era padronizado e apresentava muitas fragilidades. Foi essa a motivação para o esforço de desenvolvimento do *Vocabulário Controlado de Arte*, que contou com o apoio da referida instituição no período de 1988 a 1991 e que, embora não tenha sido publicado, alcançou 3 mil descritores e teve cópias disseminadas a pedido de várias bibliotecas do Brasil que talvez o estejam utilizando até hoje.

Sua finalidade era essencialmente prática, não se propondo a oferecer uma representação conceitual do campo das artes, pois há sempre uma defasagem entre a concepção do especialista e o esquema, forçosamente mais pobre, pois, como toda linguagem documentária, implica a redução de múltiplas expressões e alternativas que a linguagem natural oferece a um conjunto de palavras e expressões controladas e dispostas de forma sistemática dentro de uma rede de relações semânticas.

Outra ferramenta indispensável ao tratamento da informação em arte é o *Catálogo de Autoridades*, composto por entidades e artistas nacionais e estrangeiros, que surgiu a partir da implantação das bibliotecas do Itaú Cultural e do Masp. Aprimorado pela Biblioteca do Masp, esse catálogo resulta de um cuidadoso trabalho de pesquisa e sistematização: a parte relativa aos artistas contém nomes padronizados de artistas sobre os quais havia documentos na Biblioteca do Masp e o registro das formas não adotadas desses nomes, além de informações biográficas, técnicas trabalhadas por cada artista e citação das fontes de pesquisa. Trata-se de documentação essencial ao processamento técnico de livros, catálogos de exposição e outros materiais documentais, bem como de obras de arte. Além de garantir a uniformização dos registros, esse catálogo impede a duplicação de esforços no processamento técnico e constitui uma fonte de pesquisa relevante na área de artes plásticas.

Estrutura inicial do Vocabulário Controlado de Arte

A metodologia utilizada na criação do Vocabulário consistiu basicamente nas seguintes etapas:

- a) levantamento terminológico com base em listagens de assuntos adotados pelas diferentes bibliotecas de arte envolvidas no programa;

- b) análise dos descritores encontrados e comparação com outras fontes terminológicas;
- c) consulta a dicionários e enciclopédias especializadas, bem como a especialistas da área;
- d) conceituação, escolha de descritores, estabelecimento de redes de remissivas e ordenamento de acordo com a estrutura própria de *thesaurus* – remissivas sinônimas (UF – *used for* – usado para) remetem de uma forma não usada para a forma adotada pelo Vocabulário; remissivas que indicam relações de coordenação (RT – *related term* – termo relacionado) ou de subordinação (BT – *broad term* – termo amplo, e NT – *narrow term* – termo específico); e notas explicativas, sempre respaldadas em fontes bibliográficas.
- e) revisão e atualização contínuas.

Os descritores pertencem a diferentes categorias, podendo representar:

- a) atividades – disciplinas, eventos, funções, processos, métodos e técnicas (ex: Desenho arquitetônico, Preservação e restauro etc.);
- b) conceitos relacionados – terminologia de outras disciplinas empregada em relação à arte ou como tema (ex: Perspectiva [Pintura], Erotismo [Desenho] etc.);
- c) estilos, movimentos e grupos – termos com características específicas ligados a determinado lugar, época ou teoria (ex: Expressionismo abstrato, Estilo Luís XV etc.);
- d) agentes – pessoas e instituições como assunto (ex: Pintores brasileiros, Museus de arte etc.);
- e) materiais – substâncias utilizadas na produção dos objetos de arte (ex: Vidro, Prata, Cerâmica etc. ou aplicações específicas (ex: Pintura a óleo, Gravura em metal etc.);
- f) objetos, seres vivos etc. – produtos de uma atividade humana ou elementos da natureza e temas (ex: Azulejos, Tumbas, Câmeras fotográficas etc.).

Continuidade do Vocabulário

A Biblioteca e Centro de Documentação do Masp, cuja coordenadora³ participou do grupo de trabalho para a elaboração da primeira versão do *Vocabulário Controlado de Arte*, foi a primeira instituição a utilizar sistematicamente o Vocabulário, pois conseguiu apoio do Itaú Cultural para um projeto de informatização de seu acervo. Por ter sido a única biblioteca participante do grupo em fase de organização do acervo, passou a utilizar, desde o início, os instrumentos de controle de vocabulário que estavam sendo criados, e, desde então, há quase 20 anos, vem-lhe incorporando novos termos, em função das necessidades de representação temática de sua co-

³ Ivani Di Grazia Costa, coautora deste texto.

leção. Graças a esse trabalho, o *Vocabulário Controlado de Arte* conta, hoje, com cerca de 3.950 descritores, e o *Catálogo de Autoridades* apresenta nomes controlados de cerca de 8.900 artistas e de centenas de entidades.

Em 2007, com o objetivo de avaliar, aprimorar, atualizar e disponibilizar na internet o *Vocabulário Controlado de Arte* e o *Catálogo de Autoridades: entidades e artistas plásticos nacionais e estrangeiros*, foi apresentado à Fapesp um projeto de pesquisa dentro do Programa de Políticas Públicas – denominado *Desenvolvimento e disseminação de ferramentas de apoio à documentação da arte*. Esse projeto teve o Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP como instituição coordenadora de pesquisa e a Biblioteca e Centro de Documentação do Masp como instituição parceira.

O trabalho incluía uma avaliação de outros instrumentos de controle de vocabulário nacionais e estrangeiros, um estudo metodológico referente à construção de *thesaurus* e a conceituação de termos na área de artes visuais, bem como sua hierarquização. O projeto previa a participação de uma equipe multidisciplinar, constituída por bibliotecários, historiadores de arte, pesquisadores e bolsistas ligados às áreas de Arte e Ciência da Informação. A aplicação, com o objetivo de testar o desempenho dos descritores e a funcionalidade da base de dados, previa a indexação de 6 mil obras do acervo de livros, catálogos de artes e imagens fixas pertencentes ao acervo da Biblioteca e Centro de Documentação do Masp, que, como instituição parceira, forneceria a infraestrutura para o desenvolvimento do projeto.

A escolha do Masp – por meio de sua Biblioteca – como instituição parceira nesse projeto deveu-se, ainda, a outros fatores que contribuem para a viabilização do projeto em suas diversas fases, a saber:

- existência, na Biblioteca do Masp, de bases de dados locais, que serviriam de base para a identificação da estrutura de campos mais adequada para as bases a serem disponibilizadas na internet;
- disponibilidade de estrutura de hospedagem na internet utilizando o provedor do Masp;
- experiência de divulgação do catálogo *on-line* do acervo bibliográfico na internet no endereço masp.art.br/masp2010/biblioteca_catalogo_online.php e de acompanhamento da utilização do catálogo através do *log* de acesso;
- experiência acumulada da biblioteca na execução de uma dezena de projetos patrocinados por agências como a Fapesp e a Vitae nos últimos 10 anos;
- acervo especializado em artes com vários documentos que não são encontrados em outras bibliotecas do país.

A primeira fase do Projeto, aprovada em junho de 2008 e finalizada em junho de 2009, apresentou estes resultados:

- Avaliação do Vocabulário Controlado de Arte, já desenvolvido, bem como de outros produtos especializados, de mesma natureza, utilizados no Brasil e no exterior.
- Revisão de literatura sobre os instrumentos de controle de vocabulário da área de Artes.⁴
- Avaliação da listagem controlada de artistas nacionais e estrangeiros e de entidades para determinar o tipo de informação que seria relevante para disponibilização na *web*. Decidiu-se que a consulta traria o nome autorizado para determinado artista, suas entradas não autorizadas, data e local de nascimento e falecimento, técnicas de trabalho, além da fonte em que foi encontrada a informação.
- Descrição e avaliação geral das bases.
- Todos os dados disponíveis em catálogos e listagens na Biblioteca do Masp foram inseridos, de maneira satisfatória, no sistema informatizado. Foi também efetuada uma revisão das bases THESARTE (vocabulário temático), ARTIST (vocabulário de autoridades – pessoa física) e ENTIDARTE (vocabulário de autoridades – pessoa jurídica). Essas bases sofreram importantes alterações como o acréscimo de campos para melhor detalhamento do termo.
- Implantação de bases de dados *on-line* com a terminologia já controlada, incluindo as listas de autoridades e o Vocabulário Controlado de Arte.

Pesquisa *on-line* nas bases de dados

A equipe da Biblioteca do Masp optou pela criação de um formulário de busca que atendesse tanto à pesquisa simultânea nas três bases quanto à pesquisa por uma base, como se pode observar na imagem e nas descrições que se seguem:



Figura 1 – Visualização do formulário de busca na *web*

- [1] Base de dados: opção de seleção da base na qual deseja realizar a pesquisa ou a opção “Todas as bases” para pesquisa simultânea nas três bases.

⁴ Foi de extrema importância a consulta à Prof^a D^{ra} Vânia Mara Alves Lima, docente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP e especialista na área de Linguagens Documentárias, que nos sugeriu alguns textos para leitura.

BASE ARTIST – contém nomes padronizados de artistas plásticos, nacionais e estrangeiros, além de apresentar dados biográficos como data e local de nascimento e/ou falecimento, técnicas e materiais utilizados pelo artista.

BASE ENTIDARTE – contém nomes padronizados de entidades coletivas relacionadas às artes visuais, como museus e galerias.

BASE THESARTE – contém termos relacionados às artes visuais, nomes padronizados de grupos artísticos, eventos de artes e nomes de obras de arte.

- [2] Pesquisa livre: busca por palavra que deseja pesquisar. Podem-se utilizar operadores booleanos ou de truncamento, como exemplificado a seguir.
- [3] Registros por página: seleciona a quantidade de registros que deseja visualizar por página.
- [4] Pesquisar: executa a busca.
- [5] Ajuda: opção para visualização da página de ajuda.
- [6] Limpar: opção para limpar todos os campos.

O resultado das pesquisas para as três bases apresenta-se, primeiramente, de maneira simplificada, com os campos *Base*, *Termo/nome* e *Termo/nome não adotado*, como demonstrado a seguir:



Figura 2 – Exemplo de visualização do resultado resumido na *web*

A partir do resultado simplificado, há a possibilidade de sua expansão para a visualização completa dos dados, como revelado neste exemplo de registro da base ARTIST:



Figura 3 – Exemplo de visualização do resultado completo na web

Inicialmente, todos os campos de todas as bases foram disponibilizados para pesquisa, porém, após sua implantação, diversos testes feitos pela equipe da Biblioteca do Masp comprovaram que alguns termos geravam um número excessivo de resultados, muitos não relevantes por não se referirem diretamente ao termo pesquisado. Buscando um maior refinamento das pesquisas e, assim, seu melhor aproveitamento, optou-se pela exclusão do índice de pesquisa na internet de alguns campos das bases, como relacionado neste quadro:

Quadro 1 – Relações de campos pesquisáveis e não pesquisáveis na web

Base	Campos pesquisáveis	Campos não pesquisáveis
ARTIST	Nome Nome não autorizado Nome da base	Nota de Escopo Trabalha com Categoria de VC* Local de nascimento Local de atuação Local de falecimento Fontes

ENTIDARTE	Nome Nome não autorizado BT – termo amplo NT – termo específico RT – termo relacionado Nome da base	Nota de Escopo Nota de indexação Subdivisão de VC* Fontes
THESARTE	Nome Nome não autorizado BT – termo amplo NT – termo específico RT – termo relacionado Nome da base	Nota de Escopo Nota de indexação Subdivisão de VC* Fontes

* VC = Vocabulário Controlado

O conteúdo pode ser acessado pelo *site* do Masp na página da biblioteca. O *link* de acesso direto à pesquisa é: masp.art.br/masp2010/biblioteca_vocabulario.php.

Implementação de logs de acesso

Logs de acesso são arquivos que registram e armazenam os seguintes dados relativos à utilização das bases de pesquisa *on-line*: data, horário e expressão de pesquisa, entre outras informações. Esses dados são gerados automaticamente com base em qualquer processo de busca realizado *on-line*; seus arquivos são produzidos no servidor onde está hospedado o *site*.

As informações apresentadas pelo *log* de acesso são de caráter gerencial. A análise desses arquivos oferece uma ideia da utilização real da base: quantas pesquisas foram realizadas, onde são feitas as pesquisas (na Biblioteca, em outro setor do Museu, no Brasil ou no exterior), quando as pesquisas foram feitas e quais os temas e palavras pesquisados.

Considerações finais

O *Vocabulário Controlado de Arte* exige contínua atualização e aprimoramento. Trata-se de trabalho multidisciplinar, dada a abrangência de assuntos e a necessidade de se buscar precisão dos conceitos. Nesse trabalho contínuo, não apenas novos termos devem ser acrescentados e antigos termos revistos, como também o trabalho merece uma revisão completa, estrutural. Essa reestruturação faz-se necessária para dar maior coerência e fundamentação teórica ao trabalho e para adaptá-lo à sua utilização em sistemas informatizados.

É importante destacar, entretanto, que a qualidade da representação temática dos documentos não depende apenas de bons instrumentos de trabalho, mas também do preparo do profissional. Se este não souber captar o assunto, ou assuntos, de que trata o documento, obviamente não lhe poderá atribuir nenhum descritor.

Da mesma forma, o *Catálogo de autoridades* exige atualização e aprimoramento constantes, bem como avaliação criteriosa das fontes de pesquisa.

Se os sistemas existentes ainda deixam a desejar em relação à qualidade dos registros bibliográficos – tanto na catalogação descritiva, quanto na temática –, o uso cooperativo desses dados não pode se resumir ao aproveitamento acrítico dos registros disponíveis. As unidades de informação devem valer-se da experiência e dos produtos já colocados à disposição por outras bases de dados disponíveis em CD-ROM ou *on-line*. Isso pressupõe uma avaliação prévia da representação da arte nesses sistemas, de forma a não se transplantarem erros, o que contribuiria para que estes fossem perpetuados.

Assim, uma vez definidas as questões relativas à normalização, que são um imperativo tanto do trabalho cooperativo quanto da informatização, finalmente, caberia definir um *modus faciendi* que garantisse o processamento de cada obra apenas uma vez, evitando duplicação de recursos para os mesmos fins.

O desenvolvimento de um trabalho integrado de documentação da arte na cidade, bem como a estruturação de bases de dados que gerem fontes de informação mais dinâmicas na área e garantam sua divulgação e uso pelos mais diversos públicos, são fundamentais para o gradual amadurecimento da pesquisa na área, que, insistentemente, recomeça da estaca zero. O resultado de tais esforços contribuiria para a maior circulação de informação sobre a arte e os artistas brasileiros, tanto em nosso país, como no exterior, facilitando a abertura de espaço para nomes ainda não consagrados, que, muitas vezes, ficam marginalizados, pela ausência de informação sobre eles.

As soluções para a questão da informação na área de arte devem estar voltadas, antes de tudo, para projetos institucionais que priorizem formas de gerenciamento integrado da informação que, ao mesmo tempo, contemplem as prioridades da instituição e as necessidades da área, no âmbito da cidade, evitando a dispersão de recursos, a fragmentação de acervos e a duplicação de serviços, promovendo, concomitantemente, a circulação e a ampla divulgação da informação sobre arte, particularmente sobre arte brasileira.

A Redarte-SP é espaço privilegiado para ações que contemplem desde a produção da informação sobre arte até sua circulação e uso. Isso inclui, nas áreas de artes visuais, a retomada e disseminação do uso do *Vocabulário Controlado de Arte* e do *Catálogo de Autoridades*, bem como, na área de artes do espetáculo, do *Vocabulário de artes do espetáculo*, desenvolvido sob a liderança dos profissionais da Biblioteca Jenny Klabin Segall, em São Paulo. Só pelo uso intenso dessas ferramentas e pela pesquisa permanente e atualização dos conceitos – resultante de um trabalho multidisciplinar e integrado – é que se conseguirá desenvolver uma ferramenta eficaz de suporte aos trabalhos com a documentação e a informação sobre arte nas bibliotecas, centros de documentação, arquivos e museus de arte brasileiros.